

Aula 22 – Discurso e Identidades Raciais

Imagine uma cena comum: uma reunião de equipe descontraída. No meio da conversa, alguém faz uma "brincadeira" sobre o cabelo crespo de um colega. Um riso sem graça ecoa, um silêncio rápido se instala, e a reunião continua. Esse momento, que dura segundos, parece pequeno. Mas a verdade é que ele é a ponta de um iceberg gigantesco e complexo. Por que um comentário aparentemente trivial pode carregar tanto peso? Como a linguagem, muitas vezes de forma sutil e não intencional, participa da construção e manutenção de hierarquias raciais que marcam nossa sociedade há séculos?

Essa aula é uma jornada ao coração dessa questão. Nosso objetivo não é apenas aprender a apontar o racismo óbvio, aquele que grita em manchetes. Vamos muito além. Ao final destes 90 minutos, você será capaz de identificar e desconstruir as formas implícitas e veladas do discurso racista, aquelas que se escondem no cotidiano. Você aprenderá a reconhecer as estratégias que negam e silenciam o debate racial e, de forma igualmente importante, a analisar os poderosos discursos de resistência e afirmação que lutam por novos significados.

Para isso, nosso percurso está traçado. Começaremos por diferenciar o discurso racista explícito do implícito, mergulhando nas camadas ocultas da linguagem. Em seguida, investigaremos por que é tão comum ouvir "não foi minha intenção" e como funciona a negação do racismo. Depois, mudaremos nosso foco para a força dos contra-discursos, as vozes que ressignificam identidades. Por fim, aplicaremos todo esse conhecimento para analisar como o cinema, a publicidade e as mídias sociais representam – ou distorcem – as identidades raciais. Este não é um conhecimento abstrato; é uma ferramenta poderosa para sua atuação profissional e para uma leitura mais crítica do mundo.

O Óbvio e o Oculto: Desmascarando o Discurso Racista

Todos nós já estivemos lá: ouvimos uma frase que nos causou um profundo desconforto, uma sensação de que algo estava errado, mas sem que conseguíssemos apontar o dedo e dizer exatamente o porquê. Não era um xingamento direto, nenhuma ofensa explícita, mas ainda assim, a mensagem parecia carregar uma carga negativa, um preconceito disfarçado. Esse sentimento é a porta de entrada para um dos temas mais centrais da análise do discurso contemporânea: a distinção entre o racismo que se mostra e aquele que se esconde nas entrelinhas.

❏ **A Analogia do Iceberg:** O racismo explícito é apenas a ponta visível. A parte mais perigosa e volumosa está submersa – o racismo implícito que opera silenciosamente.

Podemos pensar no discurso racista usando a **analogia do iceberg**. A pequena ponta que vemos acima da linha d'água é o **racismo explícito**. São os insultos diretos, as injúrias raciais, as piadas depreciativas e as políticas abertamente segregacionistas. É a parte mais fácil de identificar e, hoje, socialmente condenada na maioria dos círculos. É o discurso que não deixa dúvidas sobre sua natureza discriminatória, sendo seu repúdio quase um consenso na esfera pública.

Mas a parte mais perigosa de um iceberg é a massa de gelo submersa, invisível e imensa. Essa é a metáfora perfeita para o **racismo implícito**. Ele se manifesta em elogios que carregam um preconceito embutido ("Você é tão articulado para um rapaz da sua comunidade"), em critérios de seleção de emprego que valorizam códigos culturais de um grupo específico como "boa aparência", ou na associação sistemática de pessoas negras a notícias sobre crime e violência. Ele não se anuncia como racismo, mas atua silenciosamente, reforçando estereótipos e mantendo as estruturas de poder intactas.



Formações Discursivas e Ideologia

Essa distinção é fundamental para irmos além de uma visão ingênua do preconceito. A **Análise do Discurso de linha francesa (ADF)**, com autores como Michel Pêcheux, nos ajuda a entender que esses sentidos implícitos não são meros deslizes individuais. Eles são produzidos e sustentados por uma **formação discursiva** ideológica, uma espécie de "memória coletiva" de ditos e não-ditos que nos precede. Quando alguém reproduz um estereótipo, não está "inventando" o preconceito, mas sendo interpelado, ou seja, "chamado" a ocupar uma posição dentro de uma estrutura de sentido que já existe.



ADF (Linha Francesa)

Foca nas formações discursivas, ideologia e memória coletiva. Pergunta: *Como esse discurso foi historicamente possível?*



ACD (Linha Anglo-Saxônica)

Foca em poder, desigualdade social e ação. Pergunta: *Como esse discurso legitima ou desafia estruturas de poder?*

Por outro lado, a **Análise Crítica do Discurso (ACD)**, de vertente anglo-saxônica, com expoentes como Teun A. van Dijk, focaria em como esse discurso implícito funciona na prática para legitimar a desigualdade social. A ACD se perguntaria: como a escolha de certas palavras em uma reportagem de jornal serve para construir uma imagem negativa de um grupo e, com isso, justificar políticas de segurança mais repressivas contra ele? A ênfase aqui está no uso da linguagem como uma forma de ação social que tem consequências concretas no mundo.

Exemplo Prático: Considere duas manchetes sobre o mesmo fato:

1. "Empresário é flagrado em operação contra sonegação fiscal no bairro nobre"
2. "Morador de comunidade é preso por envolvimento com o tráfico"

Na primeira, "flagrado" e "operação" soam quase como um evento técnico, e "empresário" individualiza o sujeito. Na segunda, "preso" e "envolvimento" são mais diretos e criminalizantes, e "morador de comunidade" generaliza, ligando o indivíduo ao seu território, que já é estigmatizado. Raça não foi mencionada em nenhuma das duas, mas o racismo implícito opera na escolha lexical que ativa todo um repertório de preconceitos em nossa sociedade.

Isso nos leva a uma questão crucial: o que acontece quando esse discurso, mesmo que implícito, é confrontado? Muitas vezes, a resposta não é o reconhecimento, mas um conjunto sofisticado de manobras discursivas para evitar a responsabilidade. Vamos agora examinar as estratégias de negação e silenciamento.

"Não Foi Minha Intenção": Estratégias de Negação e Silenciamento

Você certamente já ouviu, ou talvez até já tenha dito: "**Eu não sou racista, mas...**". Essa pequena conjunção adversativa, o "mas", é uma das chaves mais poderosas para abrir a porta do que os analistas do discurso chamam de estratégias de negação. A frase sinaliza que o falante sabe que o que está por vir pode ser interpretado como racista, mas, ao mesmo tempo, ele se absolve previamente de qualquer acusação. Por que essa e outras fórmulas são tão recorrentes e eficazes para minar uma conversa produtiva sobre relações raciais?

Pense nessas estratégias como uma **cortina de fumaça discursiva**. Imagine que o racismo é um incêndio em uma sala. Apontar o discurso racista é como gritar "Fogo!". As estratégias de negação, em vez de ajudarem a apagar o fogo ou a evacuar o local, liberam uma densa fumaça que impede todos de verem onde as chamas realmente estão. Elas desviam a atenção do problema real (o discurso e seu impacto) para questões secundárias, como a intenção de quem falou, a suscetibilidade de quem ouviu ou a "liberdade de expressão". O objetivo final é um só: manter o incêndio queimando em fogo baixo, sem que ninguém precise lidar com ele.

O linguista Teun A. van Dijk, um dos principais nomes da Análise Crítica do Discurso, mapeou algumas dessas manobras que aparecem com frequência impressionante em diversas culturas. Elas não são meras desculpas, mas movimentos argumentativos padronizados, quase como jogadas ensaiadas em um tabuleiro. Conhecê-las nos ajuda a não cair na armadilha e a manter o foco no que realmente importa: o conteúdo e o efeito do discurso.



As Principais Estratégias da Cortina de Fumaça

Negação da Intenção

Frases típicas: "Foi só uma brincadeira" ou "Não quis ofender"

Essa tática é extremamente eficaz porque desloca o debate do campo social (o impacto que a fala teve) para o campo psicológico individual (o que o falante "quis dizer"). Ela invalida o sentimento da pessoa ofendida e se coloca em uma posição de inocência, tornando a vítima da ofensa em alguém "sensível demais".

Inversão da Culpa

Frases típicas: "Hoje em dia tudo é racismo" ou "A patrulha do politicamente correto não deixa mais falar nada"

Aqui, quem aponta o racismo é que se torna o problema. Expressões como essas são usadas para enquadrar a crítica como uma forma de censura ou exagero. O verdadeiro agressor, nesse enquadramento, não é quem comete o ato racista, mas quem ousa nomeá-lo, o "mimizento".

Minimização e Transferência

Frases típicas: "Isso é um caso isolado" ou "Racismo de verdade era na época da escravidão"

Consiste em reduzir a importância do ato ou transferir a culpa para a própria vítima ("Mas eles também são racistas com a gente"). Ambas as táticas buscam diluir a responsabilidade e descaracterizar a natureza sistêmica e estrutural do racismo, tratando-o como um problema pontual ou, pior, recíproco.

Exemplo Prático: A nota de "desculpas" de uma figura pública após um comentário racista: "Lamento profundamente se minhas palavras foram mal interpretadas e ofenderam alguém. Minha intenção era completamente diferente e o comentário foi tirado de seu contexto original." Note como o discurso é construído: a ofensa não está no ato de falar, mas na "mal interpretação" do ouvinte. A responsabilidade é sutilmente transferida.

Felizmente, o discurso não é uma via de mão única. Onde há opressão, há também resistência. Agora, vamos virar a página e explorar como as vozes que foram historicamente silenciadas estão construindo seus próprios discursos de afirmação.

A Palavra Como Lança: Discursos de Resistência e Afirmação

Até agora, focamos em como o discurso pode ser uma ferramenta de opressão e silenciamento. Mas a história não termina aí. Pense na explosão de um movimento como o *Black Lives Matter*, que começou com uma hashtag e se tornou um grito de guerra global. Pense na força poética de um álbum como "AmarElo", do Emicida, que reconta a história do Brasil a partir de uma perspectiva negra. Esses fenômenos não são apenas arte ou ativismo; são poderosos atos de Análise do Discurso na prática. São a prova de que a linguagem também pode ser uma arma de libertação.

Estratégias do Contra-Discurso

Se o discurso dominante e racista funciona como uma **enorme e antiga represa**, que por séculos canalizou e limitou o fluxo de identidades, histórias e possibilidades para a população negra, o discurso de resistência é a força da água encontrando fissuras. Primeiro, uma pequena rachadura. Depois, outra. Com o tempo, essas fissuras se unem, a pressão aumenta, e a água começa a jorrar por novos caminhos, criando rios e lagos onde antes só havia um deserto planejado. O contra-discurso não apenas se opõe à barragem, ele cria ecossistemas de sentido inteiramente novos.



Ressignificação

Palavras e símbolos historicamente usados para ofender são tomados de volta e carregados com novos significados de orgulho e identidade.



Nova Memória Coletiva

Escavar histórias soterradas, celebrar heróis esquecidos e recontar eventos da perspectiva de quem sofreu a violência.



Desidentificação

Recusar o lugar social pré-determinado e afirmar uma nova identidade baseada nas próprias experiências e comunidade.

Exemplo: Afirmação do termo "negro"

O processo de afirmação do termo "negro" no Brasil, em detrimento do eufemismo "moreno", é um exemplo perfeito. O que era usado pelo opressor como marca de inferioridade é transformado pela comunidade em um estandarte de luta e pertencimento. É um ato de poder dizer: **"Você não me define mais. Eu me defino"**.

Intelectuais Fundamentais

- **Lélia Gonzalez:** Conceito de "racismo por denegação"
- **Abdias do Nascimento:** Conceito de "quilombismo"
- **Conceição Evaristo:** "Escrevivência" literária

Conectando com a teoria de Pêcheux, podemos entender isso como um processo de **desidentificação**. A ideologia dominante interpela (chama) os indivíduos a ocuparem lugares sociais pré-determinados ("você é o marginal", "você é a subalterna"). O contra-discurso é o momento em que o sujeito, embora reconheça esse chamado, recusa o lugar que lhe foi oferecido e afirma uma nova identidade, baseada em suas próprias experiências e em sua própria comunidade de sentido. É a passagem de objeto do discurso do outro para sujeito do seu próprio discurso.

Contra-Discurso na Prática Cultural

Racionais MC's - "Capítulo 4, Versículo 3":

"60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial"

Quando os Racionais MC's apresentam esse dado estatístico como uma denúncia, dentro de um formato artístico de imenso alcance, eles fazem muito mais do que uma rima. Eles contestam diretamente o discurso oficial da segurança pública, que frequentemente associa a periferia ao crime. Essa letra não é apenas música; é um documento, um testemunho e um ato político que disputa a narrativa sobre quem são as vítimas e quem são os agressores na sociedade brasileira.



Música (Rap)

Apresenta dados, denúncias e testemunhos em formato artístico de alto alcance, contestando narrativas oficiais sobre periferia e violência.



Literatura

Autoras como Conceição Evaristo transformam experiências de mulheres negras em matéria literária, desafiando o cânone tradicionalmente branco e masculino.



Ambiente Digital

Influenciadores e criadores constroem espaços seguros para debater negritude e educar sobre história afro-brasileira para públicos massivos.

Relevância Profissional: Compreender esses mecanismos não é relevante apenas para ativistas ou artistas. Para um profissional de marketing, significa saber criar campanhas que dialoguem genuinamente com a diversidade, em vez de apenas reproduzir clichês. Para um gestor público, é fundamental para elaborar políticas que de fato promovam a equidade.

Essa batalha de narrativas não acontece no vácuo. Ela se materializa nos produtos culturais que consumimos todos os dias. Vamos agora aplicar nosso olhar analítico para a televisão, o cinema e a internet.

O Espelho da Mídia: **Analisando a Representação Racial**



Pense rapidamente na última série que você assistiu ou no último grande filme que viu no cinema. Quem eram os protagonistas? Quem ocupava as posições de poder, de inteligência, de liderança? E quem eram os personagens secundários, os alívios cômicos, os antagonistas estereotipados? Essas escolhas, longe de serem neutras ou meramente criativas, são um reflexo e, ao mesmo tempo, um reforço das ideologias que circulam em nossa sociedade.

A produção cultural pode ser vista como uma **grande oficina de espelhos sociais**. Durante muito tempo, essa oficina se especializou em fabricar um tipo muito específico de espelho: aquele que refletia a imagem do homem branco, heterossexual e de classe média como o padrão universal, o "normal". Outros grupos sociais, quando olhavam para esses espelhos, se deparavam com duas situações: ou não viam reflexo algum, uma invisibilidade que comunica que sua história não importa (apagamento), ou viam uma imagem distorcida, caricata, como nos espelhos de um parque de diversões (estereotipagem).

Analisar a representação racial na mídia é, portanto, um trabalho de inspecionar a qualidade desses espelhos. É perguntar: quem os está construindo? Para quem eles são feitos? Que tipo de reflexo eles oferecem? E, principalmente, como esses reflexos impactam a maneira como vemos os outros e a nós mesmos? A repetição exaustiva de certas imagens acaba por naturalizá-las, transformando a ficção em uma espécie de "verdade" social.

Conceitos-Chave para Análise

Estereótipos

Imagem congelada, redutora e pejorativa. Exemplos: "mulher negra raivosa", "jovem negro periférico sempre bandido", "mãe preta sempre serviçal". Aprisiona o personagem a uma única característica.

Arquétipos

Modelo mais amplo e flexível (o herói, o sábio, o amante) que pode ser preenchido com complexidade e humanidade, independentemente de raça.

Tokenismo

Escalar um único ator de grupo minoritário em elenco majoritariamente branco. Função decorativa para aparência de diversidade, sem trama própria ou agência real.

Interseccionalidade

Conceito de Kimberlé Crenshaw: analisar como raça se cruza com gênero, classe e outras identidades. Uma mulher negra enfrenta opressões diferentes de um homem negro.

❏ **Importante:** O problema não é haver um personagem negro que seja um criminoso, mas quando a esmagadora maioria das representações de homens negros na mídia se resume a esse papel.

Digital Blackface: Racismo na Era dos Memes

Um campo fascinante para aplicar essa análise hoje, em pleno 2025, é o universo digital, especialmente o dos **memes e GIFs**. Por um lado, a circulação massiva de imagens de pessoas negras em "reaction GIFs" (reações visuais) aumentou exponencialmente sua visibilidade na cultura pop digital. Por outro, esse uso pode configurar o que se chama de *digital blackface*: usuários não-negros que se apropriam de imagens e trejeitos de pessoas negras para expressar emoções exageradas (alegria, raiva, deboche), reforçando estereótipos de que pessoas negras são naturalmente mais emotivas ou agressivas. É um exemplo perfeito de como o discurso racista se adapta e encontra novas formas de operar em plataformas contemporâneas.

Comparando Tipos de Representação

Função Principal	Reduzir um grupo a um traço único e simplista	Criar uma aparência superficial de diversidade	Apresentar personagens multifacetados e humanizados
Efeito Discursivo	Reforça preconceitos e a ideologia dominante	Neutraliza críticas sobre falta de representatividade	Desafia estereótipos e promove a empatia
Profundidade	Personagem plano, sem arco de desenvolvimento	Personagem secundário, com pouca ou nenhuma agência	Personagem com motivações, falhas e história própria
Exemplo Clássico	O "bandido favelado" genérico em filmes policiais	O único colega negro no escritório que só aparece para apoiar o herói branco	Os protagonistas do filme "Pantera Negra" ou da série "Cara Gente Branca"

Entender a teoria é o primeiro passo. Mas como podemos, na prática, aplicar essa lente analítica em nosso dia a dia ou em nossa profissão? Vamos consolidar nosso aprendizado e organizar nossas ferramentas.

Ferramentas na Mochila: Da Teoria à Análise Prática

Nossa jornada até aqui nos levou por diferentes paisagens do discurso racial: vimos as armadilhas do implícito, as cortinas de fumaça da negação e a força criadora da resistência. Agora, é o momento de abrir nossa mochila de ferramentas e organizar os instrumentos que coletamos. Como um detetive que se prepara para uma investigação, precisamos saber qual lupa usar para cada tipo de pista. Como a Análise do Discurso francesa (ADF) e a Análise Crítica do Discurso (ACD) nos ajudam, na prática, a decifrar o mundo?

Pense na **ADF e na ACD como dois tipos diferentes de GPS**, cada um com uma função específica para nos guiar na análise de um texto, seja ele uma propaganda, um discurso político ou uma conversa de corredor.

Os Dois GPS da Análise

GPS da ADF

Mapa Geológico e Histórico

O GPS da Análise do Discurso de linha francesa (Pêcheux, Foucault) é como um mapa geológico e histórico. Ele não mostra apenas as rotas atuais, mas todo o relevo, as camadas de rocha (as ideologias) formadas ao longo de séculos que determinaram por que as estradas (as formações discursivas) estão onde estão. Este GPS se preocupa menos com o seu destino imediato e mais em responder: "Como você foi condicionado a seguir este caminho? Quais forças históricas e inconscientes tornaram esta rota a única que lhe parece 'natural'?".

❏ **Pergunta-chave da ADF:** *Quais são as condições de possibilidade para que isto seja dito desta maneira, neste momento?*

GPS da ACD

Aplicativo de Trânsito em Tempo Real

Por sua vez, o GPS da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, van Dijk) funciona mais como um aplicativo de trânsito em tempo real. Ele está focado na dinâmica do agora: quem tem o poder de passar, quem está causando o congestionamento (a desigualdade social), como um acidente (um evento discursivo específico) está impactando todo o fluxo. Este GPS é pragmático e orientado para a mudança social. Ele não se contenta em entender o mapa; ele quer intervir no trânsito para torná-lo mais justo.

❏ **Pergunta-chave da ACD:** *Como este texto específico está funcionando para manter ou para desafiar uma relação de poder aqui e agora?*

O mais importante é entender que essas duas abordagens não são inimigas; são complementares. Uma análise rica e profunda muitas vezes utiliza as duas lentes. Você pode usar a lente da ADF para entender as raízes históricas profundas de um estereótipo racista (por que certas características foram associadas a certos grupos) e, em seguida, usar a lente da ACD para examinar como um meme de internet hoje mobiliza esse mesmo estereótipo para ridicularizar uma pessoa e obter engajamento, com efeitos políticos imediatos.

Exemplo Prático: Análise de Vagas de Emprego

Vamos a um exemplo concreto. Imagine que você trabalha no setor de Recursos Humanos de uma grande empresa e foi encarregado de revisar as descrições de vagas para torná-las mais inclusivas.

01

O Material (Corpus)

Você reúne os anúncios de vagas dos últimos dois anos.

02

Lente ACD

Você começa analisando as escolhas lexicais. Percebe que as vagas para cargos de liderança pedem candidatos "agressivos", "assertivos" e com "fome de resultados", enquanto vagas para cargos de suporte buscam perfis "resilientes", "colaborativos" e "flexíveis". Você analisa como essa linguagem, no presente, pode estar ativamente desencorajando a candidatura de mulheres e pessoas negras, que podem ser socialmente penalizadas ao demonstrar "agressividade".

03

Lente ADF

Você dá um passo atrás e se pergunta: *por que* associamos "agressividade" à liderança? Sua análise o leva à formação discursiva do capitalismo gerencial, que historicamente elegeu um ideal de subjetividade masculina e branca como sinônimo de competência. Você percebe que o texto da vaga não é neutro; ele está ecoando uma memória discursiva que privilegia um perfil específico, mesmo sem nunca mencionar gênero ou raça.

04

Intervenção

Com essa análise completa, sua intervenção pode ser muito mais eficaz. Você não vai apenas trocar palavras, mas propor uma nova forma de descrever as competências, baseada em ações e resultados, e não em traços de personalidade ideologicamente marcados.

Com nosso kit de ferramentas organizado, estamos prontos para sintetizar o que aprendemos e testar nosso novo olhar crítico.

Em Prática: Tornando-se um Analista do Discurso Cotidiano

Chegamos ao final de nossa jornada de hoje. Partimos de uma cena cotidiana, uma "brincadeira" em uma reunião, e mergulhamos fundo nas complexas engrenagens que movem o discurso sobre identidades raciais. Vimos que o racismo opera como um iceberg, com sua parte mais perigosa escondida sob a superfície do implícito.

Aprendemos a identificar as cortinas de fumaça da negação, que tentam desviar o foco do real problema.

Celebramos a potência dos discursos de resistência, que como rádios piratas, hackeiam a frequência dominante para transmitir novas histórias e possibilidades. Inspecionamos os espelhos da mídia, questionando as imagens que eles nos devolvem. Por fim, organizamos nossa mochila de ferramentas, entendendo como os "GPSs" da ADF e da ACD nos guiam na análise.

Agora, o objetivo é levar essa consciência para além desta aula. A análise do discurso não é apenas uma disciplina acadêmica; é uma prática de cidadania, uma forma de ler o mundo com mais atenção e profundidade.

Em Prática

- Ao ler uma notícia, pergunte-se: que palavras são usadas para descrever as pessoas envolvidas? Essas escolhas seriam as mesmas se a raça ou a classe social delas fosse outra?
- Quando ouvir um "foi só uma brincadeira" após um comentário ofensivo, analise como essa frase funciona para invalidar o sentimento do outro e proteger o falante.
- Ao assistir a um filme ou série, observe não apenas quem está em cena, mas quais papéis essas pessoas ocupam e quem tem o poder de contar a história.
- Diante de qualquer texto, do post de um influenciador a um documento oficial, faça a pergunta fundamental: que visão de mundo está sendo apresentada aqui como "normal" ou "natural"?
- Lembre-se sempre: todo discurso é uma arena de luta. Tomar consciência disso é o primeiro passo para escolher de que lado da batalha pelos significados você quer estar.

Autoavaliação

Chegou a hora de testar seus conhecimentos. As questões abaixo foram desenhadas para revisar os conceitos-chave da aula em diferentes níveis de complexidade.

1

(Nível: Fácil)

A expressão popular "ele é um negro de alma branca", frequentemente usada como um "elogio", é um exemplo característico de:

1. Discurso de resistência e afirmação da identidade.
2. Racismo explícito, pois menciona a cor da pele.
3. Racismo implícito, pois reforça a branquitude como padrão de qualidade.
4. Análise Crítica do Discurso em sua aplicação prática.

2

(Nível: Médio / Estilo Banca)

De acordo com os estudos da Análise do Discurso, a estratégia discursiva de "inversão da culpa", exemplificada por enunciados como "o mimimi do politicamente correto está destruindo o humor", tem como função primordial:

1. Estimular um debate mais aprofundado e honesto sobre os limites da liberdade de expressão.
2. Deslocar a agência do ato discriminatório para a suposta sensibilidade excessiva de quem o critica, visando silenciar a oposição.
3. Propor a ressignificação de termos e práticas sociais, adaptando-os a novos contextos.
4. Fomentar a construção de uma memória coletiva que valorize a diversidade de opiniões.

3

(Nível: Difícil)

Um pesquisador que, ao analisar um discurso político, se concentra em como as estruturas ideológicas históricas, a memória social e o inconsciente se materializam na linguagem para constituir o sujeito e os possíveis sentidos, está mobilizando, predominantemente, um arcabouço teórico-metodológico alinhado à:

1. Análise Crítica do Discurso (ACD) de vertente anglo-saxônica.
2. Análise do Discurso de linha francesa (ADF).
3. Teoria dos Atos de Fala.
4. Linguística Sistêmico-Funcional.

4

(Nível: Aplicação)

A decisão de uma produtora de cinema de incluir um único personagem asiático em um filme, cujo enredo se resume a ser um gênio da tecnologia que auxilia os protagonistas brancos sem ter uma história pessoal desenvolvida, é um exemplo de:

1. Representação complexa.
2. Contra-discurso afirmativo.
3. Tokenismo.
4. Interseccionalidade.

Questão Discursiva

Analise brevemente o enunciado publicitário de um condomínio de luxo: "**Um oásis de tranquilidade, longe do caos da cidade.**" Quais elementos do discurso implícito podem estar em jogo para construir uma mensagem de exclusão racial e social, mesmo sem mencionar raça ou classe diretamente?

Gabarito: 1-C, 2-B, 3-B, 4-C.

Resposta à Discursiva (exemplo de raciocínio esperado): O enunciado opera por meio de um código social. "Oásis de tranquilidade" se opõe a "caos da cidade". Na formação discursiva brasileira, "caos" é frequentemente associado a espaços urbanos populares, periferias e à população majoritariamente negra que neles reside. Ao prometer "distância" desse "caos", o discurso vende não apenas um imóvel, mas um ideal de segregação e exclusão, ativando implicitamente o medo e o preconceito racial e de classe como estratégia de marketing.

Próxima Aula

Nosso percurso está chegando ao fim. Na **Aula 23 – Conclusão e Perspectivas Futuras da AD**, faremos um balanço de todo o curso, amarrando os conceitos principais, e olharemos para o futuro, discutindo como a Análise do Discurso pode nos ajudar a enfrentar os desafios da era da inteligência artificial, da desinformação em massa e das novas configurações do poder.

Recursos Adicionais

- **Livro:** *Racismo Estrutural* (Silvio Almeida) - Essencial para aprofundar a compreensão do racismo como um sistema, e não apenas como um ato individual.
- **Documentário:** *Olhos que Condenam* (Ava DuVernay, disponível na Netflix) - Um estudo de caso real e poderoso sobre como o discurso jurídico e midiático constrói a narrativa de culpabilidade para jovens negros.
- **Canal no YouTube:** *Preta Nerd* - Oferece análises críticas e contemporâneas sobre representação racial na cultura pop, do cinema aos games, um excelente exemplo de contra-discurso digital.